



# Projeto Livro Livre

## Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!  
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

# Literatura



## Artur Lobo

### *No Cárcere*



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# *No Cárcere*

## Artur Lobo

Transcrição e projeto gráfico  
Iba Mendes

---

Publicado originalmente em 1901.

Texto-base: *Coleção Austregésilo de Athayde (ABL)*

Livro Digital nº 1004 - 1ª Edição - São Paulo, 2019.

**Romance/Conto** - Literatura Brasileira.

**Artur Lobo**  
**(1869-1901)**

---



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

*Notícia publicada no jornal "Cidade do Salvador", na sua edição do dia 28 de julho de 1897. Trata a nota do assassinato cometido pelo poeta Artur Lobo contra um diretor de escola, na cidade Uberaba, em Minas Gerais, no dia 10 de julho de 1987. Levado ao júri, o ilustre poeta foi por fim absolvido. Eis o relato do crime:*

### FERIMENTOS E MORTE

"Pelas 10 horas e 30 minutos da manhã do dia 10 do corrente, na secretaria da Escola Normal desta cidade, o professor daquele estabelecimento, Artur Lobo, disparou três tiros de revólver contra o diretor Antônio Pereira de Artiaga, que foi atingido pelos projéteis no tórax, no ventre e num braço.

Eis, segundo testemunha presencial, como se deu o fato:

Naquela manhã o diretor oficiara ao professor Artur Lobo fazendo-lhe sentir que sua ausência às aulas durante cinco dias era prejudicial à casa. Uma hora depois de receber o aludido ofício, o professor dirige-se à Escola em cuja secretaria encontra o diretor com quem discute acerca da não existência de um artigo regulamentar citado no ofício. Artiaga mostrou-lhe então o regulamento em vigor, declarando em seguida Artur que, quando não contar com meios legais a seu favor, terá ainda elementos de que dispõe. Ao retorquir-lhe Artiaga que não dava importância a tais elementos, Artur saca do revólver que trazia e dispara três tiros contra Artiaga que então levantou-se da cadeira em que se achava sentado, tira do bolso o revólver e dispara contra o agressor que nesse momento transpunha o limiar, indo o projétil empregar-se na folha da porta.

Saindo à rua viu que Artur retirava-se apressadamente. Na ocasião em que Artiaga levantava-se da cadeira, correu o professor interino Maximiano que amparou-o, dando então Artur o último tiro que penetrou num braço do agredido.

Enfraquecido e muito torturado pelas dores, Artiaga é ajudado pelo professor, pelo contínuo Clemente e pelo servente Luís, recostando-se em uma cadeira de balanço.

Muitos amigos e conhecidos, assim como alunos da Escola acudiram e conduziram o diretor para a casa do Dr. Antônio Garcia Adjuto, onde foram-lhe prestados socorros médicos pelos doutores Ferreira Bernardes e Tomás Ulhoa.

No dia seguinte (11) pelas 9 horas e três quartos da manhã, Artiaga entregou sua alma ao Criador, sendo assistido pelo vigário da freguesia que absolveu-o e ministrou-lhe o sacramento da Extrema Unção.

Às 5 horas da tarde realizou-se o enterro que foi concorridíssimo, fazendo-se as encomendações na câmara ardente, na Matriz e no cemitério.

Ao ser dado o corpo à sepultura foram pronunciados sentidos discursos pelos doutores Mário Tourinho e Adjuto e pelos professores Gasparino e Atanásio Saltão.

O professor Artur Lobo foi preso em flagrante."

---

*Pesquisa, transcrição e adequação ortográfica: Iba Mendes (2019)*

# NO CÁRCERE

## NARRATIVA DE UM PRISIONEIRO



### CAPÍTULO 1

Era cerca de meia-noite, quando o meu carcereiro levantou-se, fazendo tilintar as suas chaves, levou a mão ao chapéu e despediu-se.

– Boa noite, senhor Mário! disse ele, retirando-se devagar, embuçado no seu amplo capote, cujo capuz conservava caído sobre as costas.

O seu vulto mergulhou nas trevas e o rumor de seus passos perdeu-se à medida que ele se afastava no corredor fronteiro à minha cela. Esta era uma pequena peça estreita, abrindo uma única janela para a noite que eu adivinhava consternada e lutuosa, lá fora. Mobiliavam-na apenas uma mesa e o pobre leito que me fora destinado. Sobre a mesa havia uma bilha de água e um copo. Foi então que percebi que de há muito tinha sede.

Verifiquei que era impossível dormir, e agitado, inquieto, comecei a andar de um lado para outro da prisão, em que me achei encerrado. Ela ficava no pavimento superior do edifício, dominando um pátio, cercado de altos muros que o defendiam da praça.

Fez-se um grande silêncio, e foi neste instante que eu me senti oprimido pela solidão daquele sinistro isolamento, parecendo-me que a minha exaltação nervosa atingia ao paroxismo. Como uma cripta cuja disposição acústica despertasse um clamor de ecos ao menor bulício, assim meu cérebro havia se tornado vibrátil à mais ligeira emoção. Tinha um sobressalto cada vez que ouvia o tinir dos sabres e as vozes de alerta dos guardas e das sentinelas, cujo passo

ouvia aproximar-se e afastar-se numa cadência regular que não deixava também de ser solene e inquietante.

A noite era silenciosa, vagamente hostil, sem uma luz que picasse as trevas que se formavam na janela como um abismo impenetrável e cheio de ameaças.

Tudo silente, em roda, no recolhimento monástico da prisão.

A minha situação, em vez de aclarar-se, parecia-me cada vez menos verossímil e menos exata, e a perturbação do meu espírito colocava-me nas fronteiras dos pesadelos e dos sonhos maus, que desfiguravam e estranhamente modificavam a visão normal das coisas.

Durante horas medi o aposento a passo agitado, sentindo uma necessidade de mover-me e agir, *como se encontrasse no movimento físico o repouso do espírito.*

Eu já esperava por aquele momento de solidão; a crise, porém, era mais aguda do que eu pudera prever, e a sua violência ter-me-ia surpreendido, se naquele momento me fora dado examinar com calma o estado tumultuário de meu espírito.

Aquela tempestade interior deveria desfazer-se aos poucos; longe, porém, vinha ainda o momento da bonança e tal era a atribulação de minha alma, que não tinha mesmo a consciência exata do tempo e das horas que se escoavam naquela dolorosa agitação.

– Vamos, pensei eu, fazendo ainda um esforço para recuperar a minha serenidade; é preciso recorrer a todas as minhas energias e afrontar de ânimo sereno a adversidade da sorte.

Não obstante, não conseguira me dominar. Preso! Este pensamento acabava por perturbar-me. Tudo aquilo afigurava-se-me um medonho pesadelo que deveria expirar com as sombras daquela

noite trágica e caliginosa, cuja asa negra vinha ferir a minha vidraça como as remijes fatídicas do corvo de Edgar Poe.

Desde que rebentara o movimento do Sul, que havia se estendido até à revolta de 6 de setembro, eu tinha sido dos primeiros que se puseram à frente do movimento; entretanto a hipótese de cair em poder dos meus inimigos nunca se havia figurado claramente ao meu espírito. Além disto o triunfo da revolução parecia-me indiscutível, e eu esperava que o movimento se alastrasse por todo o país, tão nobre e tão alevantada eu julgava naquele tempo a causa pela qual me batia.

Quando numa simples escaramuça caí em poder dos inimigos, e vi-me recolhido como um celerado ou um facínora à prisão, a minha surpresa só se pôde comparar ao estupor que pesou sobre o meu espírito. A coragem que por vezes eu revelara, o entusiasmo com que abraçara a causa da insurreição dissiparam-se subitamente e eu senti-me oprimido pelo mais terrível desalento.

Duas horas soaram no silêncio da noite, que avançava.

Cheguei fascinado à janela e mergulhei o olhar naquela voragem de trevas enigmáticas e sinistras; naquele caos de sombras o meu olhar em vão procurou descortinar o horizonte; tudo era pavorosamente negro e impenetrável, e a esfinge da noite continuava a dormir o sono soturno das coisas formidáveis e monstruosas. Tudo conspirava para aumentar a solidão circunfusa; e o silêncio era tão grande que eu cuidaria ter sido abandonado no meio de um imenso deserto.

Toda a prisão, enorme e pesada, dormia, povoada de seres miseráveis, encarcerados como feras, àquela hora repousados e talvez entregues à tranquilidade balsâmica do sono. Em torno à prisão adivinhava-se a praça deserta e taciturna, sem a luz de um revérbero e sem o rumor de um transeunte, e a cidade se estendia por entre as trevas entorpecida no sono congestionado de uma boa saciada e repleta.

Tudo parecia extinto e despovoado em volta do cárcere. O silêncio era cada vez mais profundo; eu tinha a singular impressão de que tudo devia acabar naquele momento.

Mas de súbito um grito atravessou, num calafrio, a solidão da noite velha:

– Sentinela, alerta!

A voz de uma sentinela respondeu adiante, e sucessivamente outras vozes iam se levantando, com a precisão e a regularidade de muitos ecos repetidos. Ninguém imagina a impressão de pavor que estes gritos causavam no silêncio da noite.

Houve uma animação da guarda, que se mostrou novamente solícita e vigilante; os sabres tilintaram; e os passos recomeçaram de novo, lá embaixo, nas quatro fachadas do edifício desolado.

Outros passos lentos e compassados também aproximavam-se, rua acima; era a patrulha de ronda que ia vagarosamente policiando o bairro pacífico e adormecido.

Só então notei que o frio era intenso, e eu tinha as mãos geladas. Malgrado meu, comecei a tiritar, no meio da minha pequena câmara, onde a luz continuava acesa, muito pálida, sem uma palpação sequer. A cama que me foi preparada estava intacta. E foi então que me lembrei do meu lar despovoado, onde a economia e a felicidade doméstica conseguiram meios de um conforto relativo. À evocação do meu lar, dos meus filhos e de Júlia produziu-me um tal abalo, que senti agravar-se a minha perturbação. Àquela hora dormiriam eles?

E lembrei-me do mais novo, papagueando já umas cavatinas adoráveis e dormindo à noite aconchegado entre alvos linhos, pondo em evidência as perninhas e os braços nus em que uma carne feita de leite e rosas tinha roscas nédias e sadias junto às



articulações; a cabeleira fina espalhava-se no travesseiro e a boquinha rosada mostrava as gengivas tenras e vermelhas onde ainda não havia apontado a pérola dos primeiros dentes.

E ao lado desta lembrança, outras rapidamente surgiam evocando dias luminosos, quadros suaves e épocas risonhas de uma existência laboriosa e quase tranquila, em que a ventura doméstica largamente indenizava os dissabores e as dificuldades que se me antolharam até que a guerra civil viesse encontrar-me de armas nas mãos.

Foi quando verifiquei como todas as outras aspirações e felicidades humanas são miseráveis e pequeninas ao lado desta que decorre de um lar venturoso e satisfeito. Somente isto pareceu-me invejável e apetecível; somente a privação dele poderia amargurar os meus dias de prisão e ensombrar toda a perspectiva do meu futuro. E aqui achei-me de novo assaltado de receios e apreensões; já não eram preocupações de interesses coletivos; mais do que outros destinos interessava-me a sorte das frágeis e indefesas criaturas que à minha se achavam ligadas e que deveriam participar da adversidade que me perseguia; o golpe que me feriu doeu-me tanto mais quanto os feria também e os lançava numa situação das mais precárias.

Eu era agora incapaz de defendê-los e de ampará-los; todos os meus esforços eram, portanto, impotentes para promover o seu bem-estar e a sua tranquilidade! Que me privassem da liberdade e da própria vida, que importa? Contanto que eles fossem felizes e não sentissem sobre os seus próprios destinos o peso da mais absurda fatalidade! E aqui sucumbi, a despeito de recorrer a todas as minhas energias varonis; senti-me ferido no lado mais vulnerável do próprio coração; já não conseguia mais iludir-me; ao amor da pátria sobrepunha-se o amor da família.

E sem a noção do tempo passei agitado pelo pequeno quarto, onde a luz cada vez mais empalidecia e palpitava: sentia zumbirem-me os ouvidos; tinha febre; as pernas vergavam, de cansaço; o cérebro estava cheio de visões e fantasmas.

Os dobres de um sino próximo chamaram-me à realidade; levantei os olhos para a janela do meu aposento que se conservara aberta; e vi que aquela noite tormentosa começava a dissipar-se nos primeiros albores da madrugada.

Longe, as linhas do horizonte apenas se esboçavam, surgindo de um confuso desenho que os primeiros clarões da aurora iluminavam; as coisas iam de novo despertando aos poucos; uma viração mansa agitou as árvores; as casas iam emergindo das sombras; e a primeira ave trilou sonorosamente no esplendor cristalino da alvorada.

E involuntariamente, com os olhos vazios e um suspiro profundo, adormeci, afinal, vencido pelo cansaço e pela vigília.



## CAPÍTULO 2

Ao despertar, a minha impressão não podia ser mais dolorosa, nem mais triste; a vigília era um pesadelo muito mais angustioso que o próprio sono, povoado de sonhos sinistros. Era, pois, bem verdade que me achava encerrado numa prisão? O espetáculo que se oferecia a meus olhos não podia deixar de dissipar quaisquer dúvidas.

Da minha janela pude perfeitamente examinar o lugar em que me achava e que ficou para sempre indelével na minha memória. Ela dominava um pátio comprido, cercado de altas paredes de alvenaria, ocupando uma área igual ao do edifício da prisão, que comunicava com ele por uma larga porta central e por janelas e seteiras defendidas por grades de ferro.

Do chão brotava uma vegetação rasteira e raquítica, que mal conseguia romper a crosta de um solo duro e estéril.

As janelas do pavimento superior abriam-se para esse pátio lúgubre e solitário, onde os presos deveriam receber a impressão da luz e respirar um ar menos infecto e deletério. Da janela em que me

achava podia facilmente abranger com a vista, por sobre os muros, toda a paisagem fronteira que formava o fundo da praça, onde uma pequena igreja levantava para o azul inefável as duas pequenas torres irmãs. Quantas vezes me extasiei na contemplação dessa igreja de um aspecto de coisa cândida, piedosa e ingênua!

A um lado dela um convento estava defendido e cercado de frondes espessas e muros negros sobre os quais videiras desfolhadas agonizavam, despidas dos seus largos pâmpanos virentes; apenas o telhado muito negro dominava a linha do bambual espesso que também parecia participar da mesma tristeza e da mesma melancolia.

Em frente dele ficava uma casa nobre, com um ar abastado de quinta próspera e opulenta; as suas vidraças ardiam, com a larga fulguração da luz; e sobre o seu telhado um fumo azul tênue perdia-se em longas espiras na doce suavidade luminosa do céu. O pomar, em que árvores frondosas disputavam o espaço, tinha todos os cromatismos da cor verde. Ainda do mesmo lado o plano de visão se alargava extensamente e a paisagem adquiria uma animação de cores e uma variedade de tons surpreendentes, sob a luz dourada da manhã e sob a coloração quente dos céus, abrasados em tons crus e vívidos.

Entre a arborização espessa, os bairros surgiam aqui e além em grupos de casas que assinalavam ao longe o cruzamento das ruas e a disposição dos quarteirões urbanos; fumos matinais mosqueavam os telhados; roupas abandonadas nos coradouros pendiam, ainda a enxugar; os prédios resplandeciam; as palmeiras erguiam-se vitoriosamente abrindo as suas copas flutuantes; uma linha de *flamboyants* e umbelas indicava a direção de uma rua próxima; uma animação estranha vinha despertando os bairros e reatando as marchas dos veículos e dos transeuntes; cavaleiros passavam num turbilhão de pó, ao choro dos pacientes muars; na ponte que transpõe o regato, cujo fio d'água atravessava a praça taciturna, passavam os fiéis da última missa da manhã; as casas vizinhas despertavam num bulício confuso e indefinido.

E sobre toda a paisagem a luz matinal vibrava nervosamente; e ai de mim! tudo me parecia profundamente impassível, se não francamente jubiloso e satisfeito, sob a irradiação fremente da soalheira, naquela manhã terrível. O contraste era tão pungente que afastei-me da janela, magoado por toda aquela importuna alegria e brutal renascimento da vida cotidiana.

Preferia ter tido a visão de um desses dias nublados e melancólicos, em que as manhãs nos aparecem arrepiadas de neblinas, em que paira no ar a hiperbórea tristeza do inverno e em que a natureza toda parece desfazer-se em prantos e lágrimas intermináveis.

Uma tal visão compadecer-se-ia melhor comigo e consultaria a íntima e inefável tristeza que me acabrunhava e pungia diante daquele espetáculo de uma manhã que desperta no sarcasmo de uma alegria cruel e direi quase animal.

Cheguei a persuadir-me de que todos participavam daquela mesma indiferença, daquela mesma impassibilidade, daquela mesma alegria criminosa diante da minha aflitiva situação; e os homens não deveriam ser menos egoístas e menos impassíveis que a própria natureza...

Entretanto, eu não podia me tranquilizar, e era presa de uma mortal angústia.

Mas devo aos meus inimigos a generosidade de não me sequestrarem daqueles que pelo afeto me eram mais caros. Júlia, já sabedora da cruel notícia, veio abraçar-me, trazendo consigo os nossos filhos.

Ela vinha pálida de insônia, a face desbotada, os olhos vermelhos e inchados. No seu rosto eu lia a sua inconsolável tristeza. Abraçamos em silêncio, enquanto Alda agarrava-se-me aos joelhos, satisfeita de tornar a ver-me e vagamente surpreendida pelo lugar em que vinha me encontrar. E fez-me logo uma série de perguntas e

revelações de uma adorável e perigosa ingenuidade. O menor, o *caçula*, mostrava-se assustado e constrangido; em vão tentei tranquilizá-lo; refugiava-se ao colo de Júlia, intimidado e choroso.

Foi comovedora a nossa primeira entrevista na prisão, e eu num desfalecimento de todo o ser amaldiçoei o instante em que, obedecendo tão somente às inspirações do que eu cuidava ser um dever cívico, esqueci aqueles pobres seres pelos quais eu era imediatamente responsável. Júlia guardava silêncio, a maior parte do tempo em que pudemos estar juntos e a custo reprimia as lágrimas que se viam umedecer-lhe os olhos. A sua face pareceu-me mais pálida e mais triste, sob um vago enevoamento de lágrimas. O pequeno Armante sugava-lhe o seio com sofreguidão, agitando as pernas, numa inquietação constante. Alda raramente me deixava em rápidas escapulas, durante as quais ia esquadrinhar todos os cantos com a curiosidade inata das crianças.

Ela parecia pressentir qualquer coisa de anormal e de doloroso; e não raro a surpreendia fitando Júlia, quando esta disfarçava o pranto que a embargava.

De súbito, lançando-me os seus olhos cândidos e inquisidores com uma ingenuidade sinistra e acerba, perguntou:

– É, pois, verdade que tu vais aqui morrer?

Júlia não pôde mais dominar-se, e as lágrimas, abundantes e ardentes, saltaram-lhe dos olhos, copiosamente.



### CAPÍTULO 3

Aquele dia em que recebi a primeira visita de Júlia na prisão não devia terminar sem que passássemos por mais uma provação acerba. Foi à tarde que um guarda veio intimar-me para segui-lo; eu acompanhei-o em silêncio e dissimulando a minha inquietação. Fora

um oficial severo aguardava a minha vinda; não me saudou e apenas secamente convidou-me para que me preparasse para mudar-me de prisão.

Júlia esperava-me inquieta; pedi-lhe que se retirasse, e foi chorando que ela partiu, acabrunhada e infeliz, levando Alda pela mão e tendo no ombro o pequeno Armante, que adormecera, afinal. Eles desceram lentamente as escadas e pela janela vi afastarem-se aqueles entes tão caros dos quais me via agora apartado. Iam lutosos e aflitos, como quem volta da visita a um cemitério onde repousa um ente querido; cobria-os o luto da viuvez e da orfandade, e foi sob a piedosa faiscação da luz vespertina que eles desapareceram no fundo da praça silenciosa...

A nova prisão que me foi destinada era uma peça quadrangular, com duas janelas e uma porta, defendidas por grades de ferro; as paredes tinham manchas lívidas, inscrições e desenhos obscenos; o soalho era imundo, coberto de uma crosta de imundícies; as janelas despregadas não defendiam a prisão do abaixamento da temperatura naquela estação de um frio intenso.

Por uma concessão extraordinária, me foi permitido transportar para ali alguns móveis e objetos indispensáveis; feita minha instalação, tomei todas as medidas possíveis para fazer o asseio e a desinfecção do cárcere. Foi quando soube que era aquela a prisão correcional, destinada aos vagabundos e ébrios colhidos à noite pelas patrulhas de ronda nos arrabaldes e ruas de nomeada sinistra e perigosa.

Semelhante companhia necessariamente deveria causar-me o mais vivo desagrado e incutir-me o mais legítimo temor; não obstante, resignei-me a suportar de ânimo sereno quaisquer contrariedades que ainda me estivessem reservadas, já que uma sinistra fatalidade parecia comprazer-se em pesar sobre o meu destino.

Todavia, semelhante medida, transferindo-me de uma para outra prisão, devia derivar de qualquer motivo grave e foi então que

comecei a suspeitar de que uma hostilidade latente e inefável começava a sitiá-me. As delações miseráveis, os ódios não satisfeitos, as vaidades injustamente irritadas ou ofendidas, ressentimentos mal dissimulados, deram-se as mãos nessa liga tenebrosa que tinha por escopo acabrunhar-me e perder-me.

As mais graves apreensões agravaram o estado do meu espírito, e eu nutria os mais fundados receios pelo futuro que me aguardava. Eu nada sabia; ignorava o que se preparava em torno de mim, tendo, porém, o *pressentimento de um perigo iminente*.

O que mais me inquietava era a afetada indiferença com que era tratado; fazia-se em torno de mim o que eu chamarei a conjuração do silêncio. A minha nova prisão, sendo também situada no pavimento superior do edifício permitia-me uma certa distração, abrindo duas janelas para a praça. Lembro-me da primeira tarde que ali passei.

Era uma tarde gloriosa e triunfal. No horizonte, onde o sol mergulhara, havia a tinta vigorosa dos ocasos inflamados. O forte colorido da paisagem na glória astral da tarde evocava o desenho quente dos *vitreaux* nas janelas das velhas catedrais. A pouco e pouco a cor viva das tintas ia se desfazendo, se diluindo, esmaecendo aos poucos em meias tintas doces e pálidas; os contornos das coisas iam se apagando e se perdendo sob a cinza impenetrável do crepúsculo que vinha invadindo a terra e afogando o céu numa doce suavidade sideral.

A pontilhação luminosa das estrelas picou todo o firmamento, e a via láctea abriu no alto o farto cofre de gemas preciosas e brilhantes. A tarde havia espirado. E nas janelas da prisão que as trevas invadiram morria apenas uma claridade lívida e violácea.

Aquele final do dia me instalara uma melancolia profunda, tão profunda que não achei para ela nenhum lenitivo e nenhum remédio. Havia como que uma amarga voluptuosidade em entregar-me àquela tristeza de um doloroso e singular encanto; de

cogitação em cogitação eu chegava a abstrair-me de mim próprio, do lugar em que me achava, do transe em que me via, para despertar no principado de um quase sonho nevoento, em que a imaginação se perdia em devaneios.

Naquele fundo pálido de crepúsculo, em que as tintas esmaeciam e dissipavam-se, deixei-me devanear num sonho de ouro, que se abria em promessas de felicidades e venturas sobre-humanas num país distante, cujo contorno se perdia nas origens da minha existência, modificação talvez desse suave mito cristão que embalou a imaginação dos meus ancestrais, prometendo-lhes um céu constelado de fisionomias arcangélicas e iluminado pela eterna graça imortal de uma suprema Bem-aventurança.

As horas iam lentamente se escoando, e eu esperava poder repousar, depois que os meus nervos até certo ponto se aplacaram.

Mas a sentinela da fachada da prisão chamou toda a guarda a postos, num grito de estrangulamento sinistro; houve um alvoroço, um rumor de passos e um tinir de sabres.

O comandante de uma patrulha parou à distância, e imediatamente uma mulher era introduzida na prisão. Estava embriagada, e a sua voz era rouca, de um timbre falso e desagradável. Para logo despropositou, num clamor de lágrimas, num choro profundo e desolador. A exaltação alcoólica deu-lhe uma loquacidade interminável, ela fez confissões indecorosas de sua existência nômade de bécora vagabunda, cuja genealogia ignóbil estava presa a um bando de ciganos que antigamente percorrera o país numa vida de aventuras e de rapinas. O seu fundo plebeu e miserável punha-lhe na boca incandescida e fremente uma violência de injúrias e apóstrofes de uma obscenidade revoltante.

Toda a prisão estava alarmada por aquele escândalo que a polícia da casa embalde procurava reprimir; e a soldadesca alvar escarnecia e zombava, ejaculando palavras de uma lascívia animal, num furor criminoso de amores desonestos.



E ela, a ébria das ruas que se entregava ao primeiro noctâmbulo libidinoso, não se sentia ofendida e ultrajada pelas propostas de um comércio infamante; na aviltção do álcool, toda e qualquer delicadeza dos seus sentimentos de mulher pareciam embotados. Irritada, proferia doestos e ameaças; a sua boca só se abria para ganhar a obscenidade canalha dos povoados suspeitos, aprendida em vinte anos de prostituição e embriaguez, passados nas estradas, nas tabernas e nas ruas. Entretanto, sob os traços daquela megera, adivinhava-se uma antiga beleza estragada; ela deveria ter sido formosa talvez; os seus olhos eram negros e grandes, de uma bondade fundamental nas pupilas; a boca devia ter sido graciosa e faceira – aquela mesma boca ignóbil que se abria agora como um cano de esgoto para vomitar as fezes do calão das rameiras e dos galés.

Em torno dela, os guardas riam da sua embriaguez; ela os ameaçava de punhos cerrados, numa contração pavorosa de dedos que pareciam garras; a cabeleira revolta e maltratada dava-lhe um aspecto ainda mais sinistro e feroz. Os seus clamores insensatos perturbavam todo o silêncio da prisão e despertavam a curiosidade dos transeuntes; a cada intimativa feita para lhe impor silêncio, ela respondia uma série de pragas e de impropérios, em altos brados, num desvairamento furioso que a punha ofegante com uma fúria indomável.

Arrastaram-na, então para uma prisão fronteira à minha; receei que a agredissem covardemente. Ela debatia-se num desespero impotente e contumaz; o tumulto crescia em torno dela.

De súbito os seus gritos abafaram-se; a sua voz se extinguiu num gemido surdo; e ela foi lançada a um canto da sua prisão, sem um ai, num baque soturno de corpo, desfalecida...

Estava amordaçada.

Até hoje conservo nos ouvidos aquela voz de mulher miserável, ganindo dolorosamente na última degradação do prestígio feminino e atirada como um trapo ao fundo de uma prisão ignóbil!



## CAPÍTULO 4

A noite seguinte devia ainda passar-se no palor das vigílias, no interminável escoar das horas. Sobre as paredes eu via minha própria sombra perpassar numa silhueta sonambúlica e inquieta, como uma caricatura grotesca e bizarra que sublinhava de gestos incompreensíveis e mímicas disformes o meu solilóquio noturno.

Na rua o silêncio era profundo; os lampiões da guarda expiravam num clarão moribundo, e a emboscada das trevas aguardava o momento em que a luz expirasse para assaltar o círculo em que se fazia a projeção luminosa; o vulto de uma sentinela se destacava a um canto, perfilado e severo, pondo uma rutilação luminosa e fria de sabre nu sobre a cabeça; longe soaram horas num dolorimento de gemidos, e tudo recaiu na atonia do silêncio noturno.

Perdido nas minhas cismas, tive um sobressalto a um rumor inopinado; foi quando vi sobre a mesa ratos famélicos banqueteados nos restos de refeições que eu havia recusado.

Cruel destino, que caía como uma rajada sobre os meus frágeis sonhos, dispersos e errantes como folhas doentes que o outono agrediu e matou! Era tão pequenina a minha ambição, o polo para onde se voltava a bússola dos meus desejos!

Quantas vezes não me acudia à mente o desejo simples e ingênuo do poeta quando aspirava apenas morar numa quinta bucólica de arrabalde, onde os seus amigos o fossem encontrar à tarde sobre a janela, tangendo bizarramente o seu melodioso flajolé!

Da minha parte, dadas então as minhas veleidades literárias, o meu sonho de felicidade consistia na realização de um desejo tão inocente como o de Coppé, e muitas vezes deliciei-me na evocação de uma pequenina vivenda, clara e aérea, com essas cores pinturescas de aquarelas, perdida num sítio arborizado e perfumoso de arrabalde encantador e agreste, com um fio de fumo na chaminé e o epitalâmio dos pombos no telhado.

Na frente um jardinzinho, em que vicejassem e florissem roseiras de todo o ano, encarnadas, amarelas, numa suave emanção de perfumes; a um canto um caramanchão rústico coberto de colmo, empampanado de trepadeiras; e ao meio o assobio do repuxo, levantando uma coluna d'água rarefeita, arcoirizada de lantejoulas. Do portão uma rua, polvilhada de areia fina, levaria à porta da entrada construída sobre dois ou três degraus de uma escada defendida por uma varanda elegante e aérea.

Desde a entrada, no conforto e na ordem daquele interior doméstico, o visitante deveria penetrar numa atmosfera de serena e recatada felicidade, tão invejável na sua inteligente simpleza, como despida de irritantes ostentações burguesas e pretensiosas, brutalmente embotadas de opulência pompeante e triunfal.

A mobília seria ampla, leve e confortável; o *bric-à-brac* seria disposto sobriamente, como uma nota delicada e imprevista, e sobre a parede, numa incidência vigorosa de luz, uma tela de Belmiro ou uma marinha de Castagneto abriria um oásis de surpreendente e requintada delícia para o campo da visão estética.

Nalgum aposento, cujas janelas abrissem para a linha azulada das montanhas, cujos estores modificassem a renovação do ar e a intensidade da luz, um gabinete de trabalho abriria os braços confortáveis de uma poltrona, junto a uma vasta mesa que o mogno severo dos armários peçados de livros cercaria, caprichosamente encardenados.

E enquanto as cigarras pelo estio chiassem nas velhas amendoeiras do quintal, um canário, bêbedo, desataria num trilhar magnífico de alegria.

Como deveria ser benéfico e salutar um trabalho encetado sob estas impulsões ambientes! Como um dever de artista seria espontânea e jubilosamente cumprido nesta atmosfera de trabalho, como a frase deveria sair desta perfeita oficina com a correção máxima de sua face-taçaõ lapidar; como o verso deveria agitar-se, palpitar, tilintar, sonoro e rútilo como um guizo de ouro, jovial! Seria ali a minha oficina de artista e de intelectual; e no meu sonho, apetecia-me que viesses, Júlia, com a música da tua frase e a carícia de tua mão espalhar a alegria e a solicitude de *menagère* cuidadosa e feliz, na cavatina de tua voz, no gesto de tua mão enternecida.

E quando pela noite adiante, quando para afugentar o sono tivesses levado aos lábios a casca de ovo da porcelana clara e levemente azulada, e quando a última penada tivesse lançado ao papel na energia do traço a frase buscada e feliz, que ali ficasse pulsando e palpitando como um músculo – então, satisfeito e feliz, iria contigo contemplar sob os *ridaux* do leito a pequenina Alda, ainda abraçada ao despojo do último boneco, ou na concha do pequenino berço frocado de rendas o rosado Armante, nu e mimoso como um Menino Jesus, dormindo um colapso de rosa em botão, a boquinha fresca, ainda entreaberta para receber os últimos beijos.

Nessa alcova de azul celeste todos os nossos sonhos andariam em rondas de anjos tutelares em torno destas duas frágeis e doces criaturas, cujos olhos se abriam límpida e cristalinamente para as misérias da vida, com essa risonha alegria com que os astros se abrem no azul dos céus sobre a constelada podridão dos pauís sinistros. As suas bocas, que só se abririam para rezar as litánias sagradas da inocência, teriam a frescura e a epiderme das rosas que se esflorassem sobre os muros perfumados desse jardim feérico. Só estes dois seres, em que as asas se pressentiam fechadas e colhidas, bastariam para gorjear a cavatina da nossa ventura, e zumbiriam como insetos encantados no interior dessa poética e rústica vivenda.

Que de prazeres calmos e tranquilos não se lograria gozar nos grandes serões das invernadas, quando os aguaceiros inundam as encostas, roncam nos vidros das vidraças e aumentam o conforto e o isolamento dos lugares seguros e abrigados! Que de vivazes e longas palestras sobre os nevrosismos excêntricos e delicados dessas singulares organizações de artistas – os supremos intérpretes da alma humana! Que de páginas e páginas lenta e pacientemente concebidas na idealização vagarosa do entrecho e nitidamente lançadas, com essa incrível fidelidade e pasmosa precisão que constituem, ao que muitos pretendem, um dos mais preciosos predicados da rigorosa probidade artística!

E como esse interior burguês devia se tornar atrativo e sedutor, desferindo tão grande e larga soma de felicidades! Tudo deveria ser ali suave, calmo e doce como o interior de uma capela exótica.

E costumado a comprazer-me neste sonho, prosseguia na ficção dessa existência que ia se prolongando por anos e anos de serena e próspera atividade, que não se deveria perder no egoísmo de um gozo infrutífero. Ali, sem estardalhaço, ir-se-ia amplamente laborando livros sobre livros, com essa milagrosa energia sem intermitências com que os operários dos *Rougon-Macquard* e da *Comédie Humaine*, *arquite-taram* essas obras colossais, admiráveis pela grandeza e majestade do trabalho que representam.

E imaginava com bonomia a minha risonha e florida velhice, quando já me reconhecesse refratário às revoluções iconoclastas dos demagogos literários e políticos, e lhes opusesse a pertinácia sistemática de minha rabugice de velho medalhão ornamental e inexorável.

Talvez fosse também atacado das melancolias senis desse solitário de Friederichsrue que dominou a sua épica e legendária Germânia, para se recolher ao canto do seu fogão de inverno, todo envolvido em flanelas, perdendo-se em cismas horas e horas, fitando o seu

velho cão devotado e mamando o antigo cachimbo nostálgico e amigo.

O calmo epílogo de uma existência fecunda, após largos anos de proveitoso trabalho numa atmosfera de carícias e afetos ambientes não me causava inquietações ou desagrado; afigurava-se-me um fim lógico e tranquilo, agradável mesmo, a uma existência de octogenário trabalhador, levando nas pupilas nebulosas a imagem dessa vivenda risonha e agreste com que sonhou tantas vezes!

E imagine-se agora o meu amargo desgosto, quando este sonho ingênuo vinha despertar-me no meio de uma prisão, entre grades austeras, longe, àquela hora silenciosa da noite, daqueles que constituíam o mais caro tesouro dos meus cuidados e afeições! Descer desse sonho alado e aéreo para a miséria de um ergástulo; dormir embalado numa estrela e despertar num calabouço constitui decerto uma das mais dolorosas e amargas surpresas, e o meu desgosto era tão profundo que eu fechava os olhos instintivamente ao desagradável espetáculo desta verdade cheia de fel e de pavor!



## CAPÍTULO 5

Os dias sucederam-se lentos e pesados como meses.

Eu ia me habituando, pois, à regularidade daquela existência de encarcerado, sem horizontes de felicidade e assombrada de amarguras e dissabores. Insensivelmente ia me identificando àquela monotonia de recluso e à vida disciplinar da prisão.

Todos os dias, regularmente, pela manhã, ainda aos primeiros albores da madrugada, ia se levantando das prisões inferiores um ligeiro rumor, que ia crescendo aos poucos; eram pigarros, acessos de tosse, uma voz que chamava, um trecho de canção, um chapinhar na água.

A pouco e pouco esses rumores isolados e dispersos iam se juntando, ecoando de prisão em prisão, alastrando pelo prédio todo, num despertar alarmante e clamoroso de gritos, de vozes, de um chalrear intenso. Todo o prédio despertava do seu silêncio de mosteiro e enchia-se da laboriosa agitação de uma grande oficina.

O carcereiro descia, acompanhado de guardas, com um molho de chaves nos braços, abrindo uma a uma as portas das prisões; a guarda, de sabres desembainhados, parava à porta, enquanto um sentenciado ia lentamente fazendo a faxina e o asseio das prisões, a provisão d'água, a entrega do material de trabalho.

O carcereiro inspecionava pessoalmente este serviço, fazendo tilintar as suas chaves enormes e pesadas. Terminada a limpeza de uma prisão, ele fechava as grades, dando duas voltas à chave e passava à prisão imediata, sempre seguido do terrível aparato dos guardas.

Começava, então, o trabalho; por baixo de minha prisão eu ouvia as pancadas de um martelo de sapateiro preparando atanados; ouvia no sobrado a trepidação surda de uma máquina de costura trabalhando num aposento contíguo; e uma voz alegre e bem timbrada emitia, às vezes, uma cantiga jucunda de despreocupada alegria.

A animação ia crescendo; sentia-se uma azáfama de conversas e de negócios, um bulício crescente de colmeia em atividade. Já eu conhecia também a história quotidiana do lado da praça, cuja perspectiva constante e desoladoramente se abria diante de meus olhos.

Por volta das sete horas, bedelengava o sino da capela fronteira, numa matinal toada argentina, cujo timbre se adoçava na eterização suave da manhã. O pequeno sino frenético agitava-se e reviravolteava no seu campanário como uma araponga doida numa gaiola.

Os fiéis vinham chegando aos poucos, em pequenos ranchos apressados, em que o elemento feminino preponderava; eram mulheres rudes e ingênuas do povo, na sua maior parte, trazendo ao colo ou arrastando pelas mãos pequenas crianças ainda amolecidas de sono. Meia hora depois os fiéis abandonavam a capela, subindo pelo declive do bairro vizinho ou disseminando-se pelas ruas mais próximas; e a capelinha voltava ao seu silêncio doce de ascetério, levantando as suas pequenas torres risonhas, mergulhadas no azul pálido dos céus.

Veículos e transeuntes cruzavam-se na praça, transpondo a ponte sob a qual o fio d'água do regato ia correndo e sussurrando; uma força, comandada por um inferior, vinha marchando a passo regular, com uma fuzilação de baionetas no alto da cabeça. Na prisão havia para logo um grito de alarma; a guarda estacionava à porta, e rendia a outra, que voltava pelo mesmo caminho, no mesmo passo cadenciado e regular.

Uma carrocinha de pão vinha depois levantando uma nuvem de poeira; e às dez horas passavam em pequenos bandos graciosos e pitorescos as alunas de um colégio próximo que umas irmãs dirigiam numa praça vizinha.

Quase todas, sobre as tintas vivas dos vestidinhos, traziam a papoula dos pequenos para-sóis encarnados e sob os braços as pastas e as cestas em que vinham livros e farnéis, desenhos e gulodices. Depois, a praça caía numa solidão desolante; às vezes lufadas de vento iam levantando nuvens de uma poeira insidiosa e fina; raros cavaleiros atravessavam a ponte num trote sonolento; corvos passavam lentamente no céu; nas casas fronteiras tudo parecia silenciar e adormecer sob a asfixia da hora; a vegetação dos quintais, doente e amarela, desprendia folhas lentas e tristes num agonizar de saudades murchas; o convento parecia querer entrincheirar-se na sombra das suas árvores monásticas; e até a própria capelinha, tão bimbalhante de sinos e estrelejada de luzes pela manhã, parecia repousar, adormecida sob a luz crepitante e dourada desses meios-dias abafados e enlanguescedores.



Para a tarde era distribuída a ração dos presos, que um antigo sentenciado trazia em marmitas enormes. Através das grades os condenados recebiam aquela refeição tão repugnante aos estômagos delicados. Após a refeição o trabalho prosseguia, numa atividade perene de oficina laboriosa; na labuta as vozes se levantavam, e não raro, risos espocavam na jucunda ebriedade de uma alegria animal.

À tarde abriam-se de novo as prisões para se fazer a limpeza; recolhia-se todo o material de trabalho, examinavam-se os lugares suspeitos; um martelo atordoador experimentava a resistência de todas as grades; os guardas vinham de novo se postar diante das portas das prisões que o carcereiro examinava na presença de um oficial; as portas fechavam-se e abriam-se com estrondo, e as suas chaves continuavam a tilintar sinistramente

Terminada a pesquisa, havia um intervalo de silêncio; o prédio começava a tomar a sua atitude severa e rígida de claustro. Isto era pelo entardecer, quando o sol enchia o horizonte de claridades inflamadas e os poentes eram cheios de uma agonizante melancolia. Longe a cidade ia desaparecendo sob as cinzas do crepúsculo; os telhados das casas e cimeiras dos altos arvoredos creionavam vigorosamente o fundo pálido do céu; e uma magoada desolação vinha descendo na lividez crepuscular, em que as primeiras estrelas lacrimejavam silenciosamente.

Depois era a praça, cujos contornos iam se apagando e perdendo na invasão crescente das sombras; e no fundo do crepúsculo as pequenas torres da capela, suaves e alvas, eram as últimas linhas que se apagavam na esmaecida e última palpitação do dia...

No ar pairava uma aflitiva tristeza; tudo parecia morrer e expirar com a luz; e o pequeno sino lançava no alto a espaços a toada nostálgica e vespéral do *Angelus*.

As prisões então se iluminavam de pequenos bicos de uma luz vermelha; e as palestras se alastravam de novo de roda em roda.

Mas o que caracterizava esta hora eram as canções que se levantavam num gemer dolente de inefáveis saudades; elas vinham amortalhadas de tristezas, do fundo dos cárceres, como espectros de venturas finadas; plangiam, amolecidas de lágrimas, abaladas de soluços, com uma pungitiva, uma acerba impressão de inigualável tristeza. Eram vozes humanas, amarguradas desses atrozes sofrimentos de sinistras fatalidades nos fundos impassíveis e lóbregos dos silenciosos calabouços.

Não se pode conceber a nostalgia dos sítios sertanejos que essas cantigas instilavam; nem as perspectivas de terras longínquas e fazendas amigas que elas evocavam, de longe, sem esperanças talvez de voltarem a esses lugares felizes em que a ventura sorriu outrora na espiral de fumo de um pobre colmo de agregado ou rechinou no carro de bois que trazia pela estrada a farta e remuneradora colheita do ano.

Algumas aludiam mesmo a esses rios caudalosos de águas adormecidas e afastadas em que as *monções* descem serenamente, ao deslizar dos ajoujos de balsas e ao clangor solitário e roufenho das buzinas, à hora do sol posto. Outras se prendiam à existência nômade dos vaqueanos, batendo campos e malhadas, em que o gado erra, em rebanhos pacíficos, mordendo o rebento novo e vigoroso das forragens verdes; ou atravessando sertões, impôs as boiadas densas e rumorosas, cujo estrépito abalava os campos no rumor de uma manada de antas selvagens.

Uma viola enternecida sublinhava de plangentes saudades estas cantigas sertanejas, dando à melodia um intenso colorido nacional de mágoas e de ideais tristezas.

As suas cordas iam adormecendo à medida que a noite avançava, como se as suas dores fossem se aplacando aos poucos; parecia que as vozes iam se distanciando e morrendo até a hora do silêncio e do repouso. Tudo então calava-se num recolhimento profundo.

Longe, soavam horas.

Toda a prisão quedava-se; e no silêncio da noite comovida soava o passo regular das sentinelas, e os brados de alerta, num sobressalto de agorantes ameaças, alarmavam de surpresas o silêncio estelar da noite.

Assim decorreram para mim dias, semanas e meses que ainda hoje se me afiguram anos de expiação e de sofrimento.



## CAPÍTULO 6

No lento e prolongado martírio do ergástulo, eu ia me afeiçoando àquela hora suavíssima em que por uma concessão extraordinária se permitia ainda que Júlia penetrasse na prisão acompanhada das duas crianças, ambas saudáveis, em cujos olhos uma límpida inocência abria cristalinamente horizontes de vivíssima surpresa dentro dos estreitos limites daquela casa claustral e severa, cujo destino era para elas ainda um insondável enigma e um impenetrável segredo. Doces anjos que desciam às trevas daquele antro de horrores!

E até para mim a impressão acerba do cárcere se dissipava numa tal ou qual alegria, quando as suas vozes puras cantavam as carícias virginais cuja vibração tintinabulava amoravelmente aos meus ouvidos, e quando Júlia, repassada de elegias, levantava para mim a plácida ternura dos seus olhos amigos, cuja conta úmida se revolvía a flor do seu rosto devastado pelas insônias e comovido de pesares. Assim vestida de negro, tinha o aspecto desgraçado de uma desventura que andasse arrastando o luto pesado de uma inconsolável e pranteada viuvez. A sua dramática tristeza, sucumbindo sem revoltas inúteis ao peso de uma imprevista fatalidade, pungia-me como um remorso, e era com um dó imenso que eu lia nos seus olhos leis as angústias e apreensões que vinham me interrogando, sem recriminações nem impaciências, toda ela

cheia desse passivo devotamento com que me concedera toda a sua serena, mas profunda afeição. E esse afeto tornara-se para mim, então, ainda mais precioso e mais caro; minha alma atribulada sentia nele um ponto de apoio seguro e consolador; abroquelava-se nele, levantada em assomos de coragem varonil para afrontar todas as desventuras que ainda me fossem reservadas; a ideia do suicídio que nunca me fora hostil sucumbia diante do espetáculo deste ninho indefeso pelo qual eu havia assumido as mais graves e severas responsabilidades; por mais cruel e dolorosa que a perspectiva da vida pudesse parecer através do prisma das lágrimas, a responsabilidade destes seres fazia-me aspirar por alguns anos de existência livre e fecunda, em que uma solícita atividade provesse algures pacientemente o seu patrocínio e amparo. Frágeis e pobres criaturas, que destino lhes estaria também reservado no desenrolar-se deste efêmero entrecho da existência? Esta preocupação, abrindo misteriosas interrogações para o futuro, acabrunhava-me de novos desfalecimentos pávidos, que só a palavra enternecida de Júlia conseguira dissipar. Ela sabia compreender-me, ainda quando a presença de estranhos me impedia de falar-lhe e manifestar o meu pensamento por inteiro; sabia reanimar-me, ela cuja fraqueza traía-se constantemente pelas lágrimas que derramava e pela linha acerba que lhe debuxava os dissabores nas comissuras da boca amarga.

A sua presença tornara-se, portanto, para mim uma intermitência cor de rosa na tinta sombria de minha prisão; quando eu a via, sentia-me quase feliz; pelo menos já não me supunha tão desgraçado, quando ouvia palpitar junto de mim aquela afeição de mártir, que revivia e se ateava diante do infortúnio quase que como num humilde e comovente devotamento de animal doméstico!

Eu aguardava, pois, com impaciência a hora em que o pequeno rancho despontava para mim a alvorada da felicidade; a cada momento em que aquela hora se aproximava crescia a minha inquietação, aumentava o meu desejo de vê-los, de falar-lhes, de abraçá-los. Um dia esperei-os uma eternidade; alguma coisa de necessário e legítimo faltava-me, enchia-me de pressentimentos inquietantes, diante da inusitada demora daquela visita quotidiana.

Chegou a hora de costume, e Júlia não veio. Era possível que um obstáculo de momento a embaraçasse, privando-me de vê-la por instantes apenas; e tranquilizado a meio por este pensamento, esperei de novo, sem poder ocultar mais o meu sobressalto. Esperei-a ainda, mas com uma impaciência febril, durante a qual meus olhos avidamente consultavam o relógio e a praça deserta, em que um sol fremeiramente causticava uma poeira insidiosa. Nem um transeunte, nem um veículo! Um silêncio monacal parecia derivar do mosteiro, dormindo à sombra de suas árvores tranquilas, penetrar na suave igreja cujos campanários humildes alvejavam entre a casaria do bairro, e alastrar-se finalmente pela praça silenciosa, cujo regato parecia adormecer num fulgor cristalino. E nesse silêncio morno pairava uma angústia agoureira de corvos cortando o céu em círculos sinistros de voos lentos. Esperei ainda em vão. As horas decorreram numa tristeza agônica, em que eu me sentia desfalecer; um pressentimento cerrava-me o coração de presságios e fazia-me percorrer vias-dolorosas acerbadas. Um motivo grave devia ter detido Júlia; meu coração mo dizia; e efetivamente vi confirmados os meus receios.

O pequeno Armante enfermara naquela quadra epidêmica, tão hostil às crianças, e estava preso ao leito para onde se voltava a solicitude materna. Entretanto, não me era dado sequer cercá-lo do meu carinho, envolvê-lo na minha ternura; e imaginei-o logo, quebrado pela alta temperatura da febre, fatigado de insônias, os olhinhos súplices de doente que não sabe queixar-se sequer, e já paga o tributo devido à dor humana. E mais uma vez senti a revolta contra essa absurda e iníqua disposição que leva a sua crueldade à tortura das pequenas coisas, das aves e das crianças. E não me senti satisfeito, senão quando pude tornar a vê-lo, desfeito embora, no começo de uma próspera convalescença que ia de novo iluminando de malícia os seus olhos vívidos e cobrindo de rosas a linha redonda das bochechas.

Foi então que uma surpresa deveria colher-me de improviso numa formosa manhã.

Meu velho pai conseguira a custo uma licença para vir visitar-me na prisão. Com que comoção abracei aquele homem calmo e sereno, que eu estimava com uma profunda admiração pela sua vida que era um incentivo e um ensinamento! Ainda uma vez, com uma atenção religiosa, ouvi a sua palavra amiga. E sobre toda a veneração que a piedade filial votava àquele homem, ligava-me a ele admiração sincera pela linha indomável do seu caráter e pela nobreza do seu coração. Quando deixou-me, senti o influxo animador da sua presença e de suas palavras; novas energias deviam me armar para suportar a dureza do cárcere, resistir às vicissitudes do meu destino, já agora compreendendo aquela palavra fatídica que Dom Cláudio traçou nas paredes seculares de *Notre-Dame*.

Ele partiu.

Júlia vinha de novo todos os dias, com seus olhos elegíacos, que bistres largos sombreavam. Parecia mais pálida, trajando de negro, como quem trazia luto fechado. Os dois pequenos, felizes e descuidosos, andavam a chalrear pela prisão, numa ginástica tumultuosa, que enchia de alegres rumores de família a severidade daquela casa destinada à reclusão de criminosos. Alda punha termo e modos decentes à sua boneca, inventando mil pretextos para os brinquedos em que se passavam as horas da sua visita ao cárcere.

À tarde uma disposição regulamentar os obrigava a se retirarem, e era esta a hora em que eu mais vivamente sentia a ausência daqueles três entes que constituíam o que eu possuía de mais caro.

Eles saíam lentamente, descendo as escadas; contornavam o prédio; e atravessavam vagarosamente a praça que sempre oferecia a sua consternada e monótona perspectiva aos meus olhos. Da janela da minha prisão, eu os acompanhava de longe, correspondendo aos seus adeuses longínquos.

Eles acompanhavam as muralhas do pátio, transpunham a ponte, atravessavam a praça. E quando desapareciam na esquina, eu tinha os olhos vazios e tristes, como se descesse diante deles uma noite polar, que viesse envolvendo de longas dolências crepusculares aquela praça sonífera adormecida na paz de uma cidade de província. A casaria daquele bairro pobre, as árvores dos quintais plantados, as videiras do convento, as torres da capela, tudo desaparecia diante dos meus olhos erráticos e contemplativos, que uma alheação profunda cegava para todos os espetáculos fascinantes da cor e da luz.

Percebia apenas que numa tarde roxa de saudades vinha caindo do céu devagar, devagar; e que um toque de *Angelus* dolorido e dormente ficava vibrando, vibrando, muito tempo, muito tempo, no ar exangue, no ar exangue.



## CAPÍTULO 7

Nas horas em que a austeridade da disciplina da prisão vedava o ingresso a todas as pessoas estranhas havia *alguém* que vinha fazer-me companhia, andando num passo cauteloso e abafado de quem não deseja provocar sobressaltos ou causar rumores. Quando o crepúsculo expirava nas grades e as sombras povoavam de silêncio e pesares a minha cela, ele vinha devagar despertar-me das cismas amargas, roçando-me familiarmente o dorso e levantando para mim os dois olhos verdes e oblíquos em que se revolvía numa esmeralda úmida e doce a alma enternecida do animal doméstico.

Era um formoso bichano, de movimentos doces e olhos vivazes, de uma fosforescente alegria, pele mosqueada de cabelos aveludados, deliciosos ao tato, quando o bichano dispunha numa curva as vértebras da espinha.

Tinha as patas pequenas e macias, como luvas em que as garras estivessem latentes, mas prontas ao primeiro assalto. Na sua cabeça

inteligente, em que mais se acentuavam as linhas das qualidades principais da espécie, as orelhas fitas e levantadas enchiam de sagacidade e requintadas astúcias o perfil gracioso, que as barbicas ásperas embalde procuravam marcializar de cômicas e risonhas ferocidades.

Como vivia farto, fizera-se indolente e grave, dormindo horas a fio, ao sol, enrodilhado numa sesta deliciosa em que a sua digestão se fazia sem sobressaltos nem interrupções, muito embora uma pequena cadelinha viesse às vezes polo arrepiado e colérico, de orelhas murchas, olhos ameaçadores e garras descobertas, numa atitude que ele inconscientemente, instintivamente copiara e reproduzia do fundo de uma existência anterior de longínquos ancestrais perdidos na alvorada zoológica das bestas carniceiras.

Mostrava-se, porém, grato à carícia, e toda aquela cólera arrepiada de ameaças se desfazia em espreguiçamentos lânguidos, quando a mão cariciosa punha um afago na sua espinha dorsal, arrancando-lhe miados de ternura.

Quando mais tarde pude de novo entregar-me à leitura, nos longos serões tristonhos, ele vinha colocar-se junto de mim, ronronando, satisfeito de fazer-me companhia, as pálpebras sonolentas cobrindo a meio os olhos indolentes. E deixava-se ficar horas e horas num silêncio discreto, em que nem o seu passo se fazia ouvir quando ele se retirava, perdendo-se na escuridão em que os seus olhos se iluminavam de raios fantásticos.

Feliz bichano! Como ele se me afigurava perfeitamente feliz e satisfeito no mesmo lugar em que seres humanos morriam aos poucos no desespero lento de uma reclusão sinistra!

Insisto nestes pormenores porque na prisão estes pequenos acontecimentos adquirem uma importância extraordinária.

Uma noite cuidei ouvir o seu gemido – um gemido profundo, doloroso, humano, senti-me sobremodo impressionado por aquelas



manifestações de dor de um pobre animal que sofria muito, decerto. E imaginei para logo um desastre de que ele fosse vítima: o esmagamento por algum veículo ou por alguma das portas pesadas da prisão. Recordei-me de um gato cego que eu vira algures, os olhos vazados por uma criança perversa de uma maldade precoce. Quem sabe se não lhe fizeram o mesmo mal? pensei. Durante toda a noite aquele gemido sinistro e doloroso encheu-me de compaixão pelo pobre animal tão terno e tão solícito, cuja boa camaradagem conquistara para ele a minha afeição.

No dia seguinte o carcereiro desfez a minha ilusão – era realmente um gemido humano o que eu ouvira durante a noite.

Num aposento vizinho jazia moribundo um desgraçado que acabara de enlouquecer.

Era dessa espécie de loucos que tem a monomania da perseguição. Uma tentativa de suicídio punha termo a essa monomania perigosa do infeliz encarcerado.

Foi-me concedida a permissão para vê-lo. Jazia deitado numa pobre enxerga infecta sobre uma cama improvisada por meio de dois bancos unidos; tinha a testa ampla e alta, com entradas profundas, as sobrancelhas de uma singular mobilidade, olhos febris, desvairados num terror constante, a respiração curta e estertorosa.

A sua morte era inevitável. No ventre sobre as ligaduras desfeitas viam-se duas incisões profundas que os curativos não conseguiram fechar; o intestino havia-se rompido e a dejeção das fezes se fazia pela ferida. A gangrena já havia começado a sua obra de decomposição rápida dos tecidos.

Em roda nem um aparelho, a poção extinta, a cama desprovida de roupa; o asseio era impossível; o desgraçado morreria de infecção!

Era um suicida, de precedentes obscuros. Operário, talvez. A sua vesânia se opunha a que ele narrasse ao certo o motivo daquele

suicídio, perpetrado com uma calma assustadora, em condições anormais. Foi numa praça pública que o infeliz se propusera a pôr termo à existência golpeando o ventre duas vezes, fumando fleumaticamente um charuto! E como a morte não viesse tão depressa como o supunha, começou a desfiar os próprios intestinos, arrancando-os de dentro do ventre e expelindo-os para fora, até cair exausto.

Um companheiro de prisão por caridade servia-lhe de enfermeiro; todo o seu cuidado foi baldado.

Dias depois, o corpo do suicida era conduzido numa maca que eu vi passar em frente à minha prisão, carregada por quatro homens piedosos.



## CAPÍTULO 8

Pelos fins de agosto, a estação havia se modificado sensivelmente; a um frio intenso sucederam os dias abafados das épocas dos grandes calores e temperaturas elevadas, e a paisagem tinha um tom levemente azulado, doce e nostálgico.

O fumo das queimadas pairava na eterização suave do azul, esfumando-a de toques fugitivos.

No ar pairavam corvos negros e presságios sinistros. A epidemia ia ceifando vidas e fazendo vítimas, naquela quadra perigosa, em que os miasmas fatais se desenvolviam nas emanações dos charcos secos. Alguma coisa de ameaçador e sinistro andava sitiando de pesares os núcleos de população e eram as crianças, pálidas e aterradas, as primeiras presas que a peste faria, numa hecatombe desapiadada e feroz.

Nada mais triste do que o declinar daqueles dias lutuosos.

O sol, de um vermelho de sangue vivo, ia tombando numa hemorragia larga que se alastrava por todo o horizonte; e quando a última rutilação da luz coincidia com a pontilhação das primeiras estrelas, um silêncio descia num suspiro de alívio, e o toque das Trindades pairava no ar abafado, como um lamento da pequenina capelinha aérea e quase que pagã.

À noite, assinalando vários pontos do horizonte, fogos se levantavam numa estrilação violenta de fornalha vermelha iluminando céus e devastando os campos extensíssimos que se perdiam para muito longe como a linha plácida e tranquila de uma enseada; as labaredas abriam grandes línguas de fogo que lambiam os céus através dos campos no incêndio rápido e vandálico das *queimadas*.

Essa tristeza casava-se com o meu estado d'alma, e era com uma voluptuosidade dolorosa que eu vinha assistir a esses espetáculos do entardecer, do alto da minha janela solitária, contemplativamente debruçado para as bandas do crepúsculo.

Já então começava de novo a oprimir-me aquela medonha existência de recluso, girando dentro dos apertados limites de um cárcere, sem as alegrias serenas do lar, sem os pequenos e saborosos gozos de uma existência ativa e proveitosa, ouvindo eternamente o retinir dos terçados, os alarmas das sentinelas, o bulício característico das prisões e a bimbalhada dos sinos da capelinha luminosa e extática. Todas as tardes eu vinha invariavelmente contemplar o declinar do dia e o adormecer da praça sonolenta; correspondia à saudação de uma senhora compassiva, que me cumulava de pequenos obséquios, e ficava acompanhando com os olhos os papagaios de papel que fazia aplumar nos ares, um seu filho, o Honorato, pirralho de olhos vívidos e inteligentes, destro e ágil, que já sabia inventar pretextos para fugir à escola.

Foi numa dessas tardes sombrias que vi assomar à praça, numa exibição lastimável de andrajos, a família esfarrapada de um mendigo, de que jamais me hei de esquecer.

Eram quatro entes miseráveis e infelizes, trazendo na timidez dos gestos, na vacilação dos passos e na incerteza do olhar essa humildade canina dos que nasceram na miséria e na orfandade, apodrecendo nas vielas pestíferas das grandes cidades ou vivendo de esmolas nas aldeias, onde ainda resta a compaixão de uma primitiva vida patriarcal.

Também poderiam ser tomados por uma família de bandidos que a polícia desencravou de cordilheiras de nomeadas tremendas. Todos indistintamente tinham uma palidez mórbida e sinistra, olhares cheios de uma angústia represada de revoltas extintas, bocas talhadas e contraídas numa amargura de injúrias sofridas em silêncio, e gostos de um longo e pertinaz martírio.

Andavam devagar, num passo arrastado de calcetas do infortúnio, levando pelo mundo as suas envergonhadas misérias de indigentes numa passividade fatalista de vencidos da sorte. O seu destino comum mais do que os laços do sangue havia indissolivelmente unido os quatro indivíduos daquela família andrajosa e repugnante de desasseio.

Nas suas faces famintas, desbotadas de insônias e desgostos infinitos, lia-se a história inquietadora daqueles emigrados, que o frio expeliu e varreu do seu país ignorado para um destino errante através dos continentes ermos e inóspitos, em que a máquina e o capital ainda não se deram as mãos para a espoliação miserável do operariado. Entretanto, embora expulsos das fronteiras de seu país querido, cercado de altas montanhas empinadas e banhado de mares cerúleos, bem se via que eles arrastavam com a inseparável praga de todas as misérias a nostalgia inapagável da pátria sempre a refulgir com um encanto de quimera querida. E era como estrangeiros e como viandantes, que viviam perambulando per todas as estradas e percorrendo todas as cidades dos países estrangeiros, despertando a surda desconfiança de uns e o compassivo enternecimento dos que sempre não de ter olhos de piedade para os infortúnios alheios.

Quem eram eles a sua filiação plebeia denunciava no mapa-múndi dos remendos que os cobriam de apodos e torturas, por séculos e séculos de uma pobreza hereditária; escravos, párias, servos, eles foram os antigos vencidos das tribos agremiadas e conquistadoras; eles cultivaram o solo, amanharam a terra, semearam o trigo para aumentar os celeiros dos seus senhores; crestaram as peles, calejaram as mãos, vergaram as espinhas para pagar os impostos e os arrendamentos dos senhores feudais; vestiram a farda de soldado, marcharam nas fileiras patrióticas, empunharam as carabinas libertadoras para reconquistas das liberdades públicas; cavaram as entranhas da terra, orquestraram todos os estaleiros e povoaram todas as oficinas, como fatores diretos e mediatos do progresso humano; e ao cabo de gerações sucessivas de trabalhadores validos e proveitosos, o excesso do trabalho, a exiguidade do salário, a espoliação crescente, iam estancando aquela caudal da família humana para a qual tantos afluentes convergiram; e a raça dos lavradores primitivos ia se dessorando no sangue anêmico de famílias inteiras de inválidos e nulos que deviam aumentar as cifras dos hospitais e das prisões, comidos de lepra, roídos de vícios, transmitindo de geração à geração a hereditariedade mórbida de uma degenerescência crescente.

Adivinhava-se a gênese suspeita de onde derivara aquela sórdida família de mendigos, tão espectrais e tão lívidos que pareciam ter ainda nos olhos o espanto ingênuo dos ressuscitados de momentos apenas.

Vinham cobertos da poeira das estradas por onde se vieram arrastando de casa em casa, de pouso em pouso, como um bando de fugitivos que a fome ou a peste viesse inexoravelmente acossando de todas as cidades.

O chefe de família era um velho, com uma cabeça bíblica, a calva subindo a meio da fronte vasta em que se traçara a pauta de um pensamento agitado; longos cabelos crespos e ascéticos caíam-lhe nos ombros, e sobre o peito pendia a longa barba grisalha, ampla e

farta, de uma sombria austeridade de monge; o nariz era aquilino e forte desenhando-se sob os dois acentos circunflexos enérgicos das sobrancelhas hirsutas e espessas. Os olhos vagos e imóveis pareciam absortos numa contemplação interior.

Tinha a cabeça um tanto inclinada para trás, olhando para o vazio dos horizontes intermináveis, como esperando de lá a luz que para lá fugira um dia e nunca mais voltara às suas pupilas devastadas e entenebrecidas.

Vestia um fato usado e roto; trazia um violão a tiracolo e um bordão com que vinha se amparando e apalpando as vias-sacras dos caminhos.

Ao seu lado, caminhava a mulher, tipo de ilhoa pesada e idiota, lenço à cabeça, um avental cobrindo as adiposidades monstruosas dos seios e do ventre; os olhos papudos mal se abriam entre as pálpebras sonolentas, e na sua face balofa e linfática havia a resignação cristã de um interminável martírio, o cansaço de uma tristeza sem fim. Trazia na mão uma salva onde recebia as esmolas.

Os dois pequenos eram filhos, decerto; magros, incolores, silenciosos, haviam perdido a alegria salubre das crianças sadias. A rapariguinha tinha uma magreza assustadora, olhos febricitantes e cálidos, lábios finos, mãos alvas e delicadas. O rapazinho, molengão e amarelo, tinha o aspecto enfermiço, um ar de opilado e de cretino, movendo automaticamente o arco rabugento de uma rabeca. Cantavam, esmolando de porta em porta, trovas sentimentais, tristezas ritmadas que ficavam longe mui longe de sua angústia verdadeira.

O cego apalpava as cordas do violão, com um ar de desalento; o violino do pequeno estafermo gania uma áspera melodia, e a voz da rapariguinha, doce e vacilante, cantava umas coisas pavorosamente dolorosas e atormentadas de precoces amarguras.

Dir-se-ia que mais do que os outros ela já sentia o desgosto daquela existência nômade de saltimbancos e mendigos, emigrados e infelizes, que um dia, entretanto, lavraram campos férteis e viram o fumo azul do lar subir espiralando do colmo dos casais felizes.

Por um salto comum nos processos atávicos, parece que passara para ela a alma de alguma de suas avozinhas brancas, alvas moleirinhas, tocando as jumentinhas dóceis e familiares, rumo dos moinhos legendários, bracejando as suas velas laboriosas. Dores acerbas e precoces choravam nessa voz infantil, que devia ainda se afinar pela música dos pássaros travessos.

E depois que a ilhoa recolhe num prato as esmolas dos circunstantes, a família do cego põe-se de novo a caminho naquela jornada que não acaba nunca.

E deplorando a sorte destes infelizes o que mais me entenece e comove é essa face pálida e quase adolescente da rapariguinha melancólica, em cuja boca nervosa eu cuidei lobrigar uma expressão de desgosto precoce por essa existência nômade de mendicidade, quando nela ressuscita a alma das moleirinhas brancas, tocando as jumentinhas dóceis e familiares, rumo dos moinhos legendários, bracejando no ar as suas velas laboriosas...



## CAPÍTULO 9

Chego ao período mais terrível da minha prisão.

Longos e amargurados meses decorreram, prolongando o estado de incerteza e de ansiedade em que me achava.

Uma ordem repentina mandou me pôr de novo incomunicável. Foi em vão que eu recorri a toda a minha coragem para não me

entregar ao desespero, porque já não me era dado resignar-me à espera da liberdade.

Houve mesmo um dia em que eu vi apagar-se esse clarão celeste que vislumbra sempre nas trevas de todos os encarcerados – a esperança de me ver livre. Então caiu sobre a minha alma um desalento profundo; o meu mundo interior parecia com as regiões hiperbóreas e países em que não há sol, amortalhado numa glacial tristeza e envolvido no crepúsculo de uma infindável agonia.

Sucumbindo, afinal, aos tormentos da minha situação, cheguei a desejar a morte; somente ela poderia talvez redimir-me da fatal tortura em que me vi poleado. Porque como um torniquete constringia dolorosamente o meu espírito, extenuado pelas inquietações e pelos terrores; ele era como uma ave que se debateu na prisão e que caía afinal, ensanguentada e ferida, sem asas e sem alento, vencida pela fadiga e pelo sofrimento.

Oh! a noite do cárcere, o horrível pesadelo! A sepultura em vida, a tortura a fogo lento, a morte do corpo após a morte do espírito, a agonia dos emparedados – todo esse zodíaco de tormentos no qual gira a existência dos condenados eu percorri como uma via-sacra de expiação.

Como uma águia chumbada a um calabouço, a minha alma após tantos meses de prisão tinha horror às trevas do ergástulo e sentia a nostalgia do azul luminoso e vasto, do espaço imenso e profundo em que a Ave do Pensamento paira, abrindo as asas poderosas e grandes!

Esmagado como um verme entre as quatro paredes daquela sepultura, maior era ainda a ânsia de voar, de voar numa doida escalada pelo infinito, dominando a terra e vencendo os espaços excelsamente, egregiamente, arrastado por uma força indomável e invencível!



Era a suprema, a eterna aspiração humana para a liberdade, tão necessária como o ar que se respira e como a luz que nos alumia.

Como todas as tentativas eram impotentes, entreguei-me ao mais covarde desalento, capitulando com o sofrimento e vencido pelo infortúnio.

O que, porém, mais me torturou foi o silêncio que se fez em torno de mim; eu estava como que segregado do mundo, e ignorava tudo o que se passava em relação ao meu destino.

Desde que me puseram incomunicável, nenhuma notícia eu tive acerca da marcha da revolução que se me afigurava perdida, nem sobre a sorte que me estava reservada. O rigor com que passei a ser tratado encheu-me de apreensões; eu debatia-me na dúvida a mais cruel e perdia-me em conjunturas aflitivas. E de todas as provações pelas quais passei a mais amarga foi por certo esse estado de incerteza e de temores em que me encontrei, desde que me vi alheio a tudo o que me dizia respeito, sem que me fosse dado articular uma palavra de defesa ao menos.

As medidas de rigor oram por certo de natureza a justificar as minhas apreensões, e cada dia era mais uma decepção para a minha inquieta esperança. Nada vinha alterar a monotonia da minha existência de encarcerado; dir-se-ia que o mundo acabara de esquecer-me no fundo de uma prisão.

As janelas de onde nos primeiros tempos me era dado distrair-me com o espetáculo da praça e com a contemplação dos céus claros e escampos haviam sido hermeticamente fechadas, e achei-me envolvido na escuridão e no isolamento.

Desde então como que também se fez noite na minha alma; sobre ela trevas desceram, e era como um túmulo dentro do qual vivia apenas o doloroso latejar do pensamento.

A prisão, com todo o seu cortejo de horrores, foi daí em diante um suplício intolerável; era uma casa de mortos, sem a paz das necrópoles e com os rigores de uma penitenciária. *Nunca o tempo teve uma marcha mais lenta e penosa*; os meses ali se contavam por anos e anos de tortura. Eu perdi a noção exata do tempo tanto mais facilmente quanto o dia e a noite se confundiam na minha prisão.

Subia de ponto a minha inquietação ao pensar em todos os que me eram caros e cuja presença era defesa. Que sofrimentos os de Júlia, quando recebesse a proibição de ver-me e de trazer-me o seu carinho e o dos frutos de nosso afeto!

Que teria sido feito deles?

Parecia-me que todos os nossos sonhos de felicidade estavam para sempre perdidos! E a esta ideia, sentia-me enlouquecer.

Este estado de espírito deveria necessariamente se refletir na minha saúde, e com efeito a sua alteração se anunciou primeiramente por uma fraqueza extrema; dores vagas apareciam no peito e nas costas; e sobretudo dominou-me uma completa negação para todo o movimento; tornara-se-me familiar a ideia da minha morte na prisão, sem a assistência de uma só alma caridosa, e nos momentos em que perdia a esperança de voltar aos meus dias felizes eu implorava a morte; esperava-a com uma espécie de voluptuosidade, seria capaz de provocá-la, se estivesse em minhas mãos fazê-lo.

Desde que me sequestraram do mundo, desde que me vedaram qualquer comunicação para fora do cárcere, que sorte podia me estar reservada senão a de uma terrível expiação e de uma tremenda vingança?

Eu não me permitia nenhuma ilusão a este respeito e resignara-me a sofrer, já que não me era mais dado lutar, dando um derradeiro exemplo de abnegação e de coragem. Mas a longa expectativa de uma tortura que não vinha acabou por esgotar toda a energia de que eu era capaz, e eu perdi a atitude de um herói para tornar-me um ser misérrimo que imploraria de joelhos a graça e o perdão...

A moléstia continuava a sua obra de destruição lenta e constante, atacava os meus músculos e os meus nervos e transformava radicalmente o meu caráter. Eu já não era o homem entusiasta, capaz de um impulso nobre e generoso mesmo com as armas na mão e com risco da própria vida; eu adquiria a compostura dos tristes e dos humildes sobre os quais se revela a tristeza secular das gerações infelizes.

Entreguei-me à inércia e à morte; já não tinha um movimento de revolta, deixando-me dominar por esse elemento obscuro de fatalidade que pesa sobre os destinos humanos.

Minado pela enfermidade, meu organismo sucumbia também, e eu sentia uma corrida vertiginosa, *uma corrida semelhante a uma decomposição rápida*, para o aniquilamento e para a morte.

Mais alguns dias, mais algumas horas talvez, e o fatal desfecho não se faria esperar. Como um relógio que vai parar eu sentia que o alento vital cada vez se tornava mais vagaroso e mais escasso. Um invencível e letífero torpor se espalhava por todo o meu corpo.

Era o coma mortal que precede o expirar de alguns moribundos.

\*\*\*

Lembro-me confusamente de que uma claridade súbita se fez na minha cela, uma porta se abriu com estrondo, e um homem (mais tarde eu soube que tinha sido meu pai) penetrou na prisão agitando um papel selado:

– A anistia! a anistia! exclamava, com a voz desfigurada por uma profunda comoção...

Um choque elétrico não me produziria um efeito mais imediato e mais rápido.

Aquelas palavras penetraram no meu espírito como um clarão estridente de felicidade; raiava nas trevas em que eu jazia mergulhado uma como resplendente alvorada interior; meu coração palpitava desordenadamente; a prisão girou em torno de mim...

E caí desfalecido nos braços de Júlia que me amparava.



**Iba Mendes Editor Digital**  
**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**